



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

KAROLYNNE CORDEIRO DA SILVA

**ANÁLISE DOS MÚSICOS INSTRUMENTISTAS DA
ORQUESTRA DE CORDAS DA UNB.**

BRASÍLIA

2015

KAROLYNNE CORDEIRO DA SILVA

**ANÁLISE DOS MÚSICOS INSTRUMENTISTAS DA
ORQUESTRA DE CORDAS DA UNB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Universidade de Brasília para a obtenção do
título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador(a): Prof^a Ms. Daniela S. Rodrigues

BRASÍLIA

2015

KAROLYNNE CORDEIRO DA SILVA

Brasília, ____/____/____

APROVADO () REPROVADO ()

**Análise da atividade de trabalho dos Músicos Instrumentistas da
Orquestra de Cordas da UnB**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Daniela da Silva Rodrigues

Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Carregaro

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Dedico este trabalho

A Deus e a Maria Santíssima, pois sem Eles eu nada seria.

A Maria José e a Oscarina Vieira, avós e anjos de Deus, pelo carinho e dedicação na minha criação.

A Renato Silva e a Cristina Cordeiro, por tudo que já realizaram em minha vida e pelo suporte total em minha formação pessoal e acadêmica.

A Rafael Dalavilla, namorado e amigo fiel, pelo apoio e incentivo no caminho percorrido.

E a todos que se interessam pela análise do trabalho na atividade real dos músicos instrumentistas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado Senhor Jesus Cristo e a minha rainha Maria Santíssima, por todas as bênçãos e graças derramadas em minha vida, pela força, discernimento e perseverança concedida.

A todos os anjos e santos do céu, pela proteção e amparo.

Aos meus pais, pela dedicação, auxílio, incentivo, carinho e suporte.

A meu namorado, pela fidelidade, ajuda em todos os requisitos, companheirismo de sempre e por ser meu porto seguro.

Aos meus amigos pelas orações, estímulos e bagagem compartilhada.

A Letícia Fangel professora e a Jacqueline Sant'Ana preceptora de estágio e aos professores da Universidade de Brasília que passaram por minha vida acadêmica e tiveram total importância na minha formação profissional.

A minha querida orientadora Daniela Rodrigues, pela ajuda substancial na realização dessa pesquisa, pelas luzes, auxílio e dedicação prestada.

E especialmente a todos os profissionais e estudantes de música, pelo atendimento solícito, acolhida e colaboração para que este estudo acontecesse. Meu sincero e carinho obrigado.

RESUMO

A música tem um papel significativo na sociedade, pois através dela o ser humano consegue expressar sua cultura e até mesmo seus ideais. Porém quando relacionada à profissão de musicista, se torna uma arte rígida e um tanto quanto complexa, podendo conduzir o profissional a um possível adoecimento ou até mesmo a interrupção de sua carreira. O objetivo do estudo foi o de analisar a atividade real dos estudantes instrumentistas da Orquestra de Cordas da Universidade de Brasília - UnB, visando identificar as cargas físicas, cognitivas e psíquicas existentes durante a prática musical. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uso do método da Análise Ergonômica do Trabalho (AET). Os procedimentos para coleta de dados foram: observações gerais, fotografias em diferentes planos, filmagens e entrevistas semiestruturadas. Os resultados mostraram que devido à intensa atividade exercida, os estudantes instrumentistas estão frequentemente expostos a fatores de risco a saúde, relacionadas às queixas musculoesqueléticas, as dificuldades na concentração, na habilidade de alinhar a técnica e prática, e o estresse psíquico como o nervosismo e a ansiedade - todos ligados às tensões do fazer musical. As principais recomendações foram: (1) Incentivo da participação ativa de profissionais de saúde no processo da atividade musical. (2) Sugestão de projeto que viabilizem um suporte de assistência em saúde para os violistas. (3) Melhorias no ambiente da sala de aula para facilitar seu desempenho. Conclui-se que compreender a atividade real dos estudantes instrumentistas é de suma importância, já que esta população está constantemente exposta a sobrecargas na atividade musical, podendo levar os estudantes instrumentistas a adoecerem. Fazem-se necessários estudos mais aprofundados do tema, a constituição de estratégias que eliminem os agravos e uma maior atenção dos profissionais à saúde dos músicos.

Palavras-chaves: Música, Ergonomia, Fatores de Risco, Saúde Mental, Transtornos Traumáticos Cumulativos.

ABSTRACT

Music has a significant status in society, because through it the human being can express their culture and even their ideals. But when related to the profession of musician, becomes a rigid art and so complex, and may lead the practitioner to a possible illness or even an interruption of his career. The aim of the study was to analyze the actual activity of instrumentalists students from String Orchestra of the University of Brasilia - UNB, to identify the physical, cognitive, and psychic loads during the musical practice. It is a qualitative research, using the method of Ergonomic Work Analysis (AET). The procedures for data collection were: general observations, photographs in different planes, filming and semi-structured interviews. The results showed that due to the intense activity exercised, the instrumentalists students are often exposed to risk factors to health, related to musculoskeletal complaints, difficulties in concentration, the ability to align the technical and practical, and psychological stress as restlessness and anxiety - all linked to the strains of music making. The main recommendations were: (1) encouraging the active participation of health professionals in the process of musical activity. (2) Project suggestion that enable a health care support for violists. (3) Improvements in the classroom environment to facilitate their performance. We conclude that understand the real activity of instrumentalists students is of paramount importance, as this population is constantly exposed to overloads in the musical activity, which may lead instrumentalists students fall ill. There is a need further study of the topic, the establishment of strategies that eliminate the conditions and increased attention to the health of professional musicians.

Keyword: Music, Human Engineering, Risk Factors, Mental Health, Cumulative Trauma Disorders

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	12
3. OBJETIVOS:.....	13
3.1 Objetivos Gerais:	13
3.2 Objetivos específicos:	13
4. MATERIAIS E MÉTODOS	14
4.1 Participantes.....	14
4.2 Procedimentos éticos	14
4.3 Tipo de estudo.....	15
4.4 Procedimentos de avaliação	15
4.5 Análise dos dados	16
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5.1 O Processo de Estudo dos Violistas.....	18
5.2 Os Ensaios e Treinamentos dos Violistas	18
5.3 Os Gestos que se Traduzem em Sons	20
5.4 Diagnóstico	27
5.5 Recomendações	28
REFERÊNCIAS	31
ANEXO A.....	35

1. INTRODUÇÃO

Para que uma música seja formada, o compositor precisa combinar simultaneamente seis elementos básicos - são eles: melodia, ritmo, harmonia, forma, textura e timbre (BENNETT, 1986). Segundo Tame (1997), a música molda os pensamentos e delineia o caráter de uma civilização. Para este autor, o indivíduo é capaz de interiorizar a música, e esta interiorização exerce uma influência direta nos pensamentos e nas emoções da sociedade.

A música representa um papel significativo na vida do homem, pois através dessa atividade, ele consegue expressar sua cultura, suas origens e até mesmos seus ideais. Porém, a arte de fazer música, em si, não é fácil de ser desenvolvida e quando relacionada à profissão de musicista, essa realidade se torna ainda mais rígida. Os profissionais de música se deparam constantemente com altos níveis de ensino-aprendizagem, estresse motor, psíquico e cognitivo que podem conduzir a um possível adoecimento e levar até mesmo à interrupção de suas carreiras (COSTA, 2003).

Bennett (1986) relata que a história da música é dividida em diferentes períodos, onde cada qual é determinado pelo estilo que lhe é peculiar. A orquestra sinfônica junto com seu estilo musical está dentro desse contexto histórico; ela nasce no período Barroco e termina por se estruturar no período da música Clássica (final do século XVII), onde segue sua forma até os dias atuais.

A orquestra sinfônica é composta por instrumentos de corda, sopro, metal e percussão, com uma característica de estilo musical rica, sofisticada, cortês e de estrutura formal bem elaborada (BENNETT, 1986).

Teixeira *et al.* (2014) descreve que as atividades dos músicos instrumentistas se dividem em estudos individuais e coletivos com o instrumento de sua especialidade; ensaios; e apresentações.

É comum associar a música como fonte de equilíbrio emocional e fonte criativa de diversão e não como uma atividade de trabalho que gera dor e doença. (BLUM *apud* FRANK e MUHLEN, 2007) reconhece que existem fatores de risco que podem levar o adoecimento dos músicos instrumentistas por conta de sua prática.

Uma das formas de adoecimento advindas das exigências ao trabalhador quanto à produtividade e qualidade do produto final que vem crescendo no meio dos trabalhadores são as chamadas: Lesões por esforços repetitivos (LER) e os Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort). Tais transtornos tem origem multifatorial complexa e tem

como sintomas principais a dor, parestesia, síndrome do membro cansado e fadiga. As LER/Dort são doenças ocupacionais decorrentes de esforços repetitivos e excessivos imposto ao sistema musculoesquelético e a falta de repouso alinhada a essa sobrecarga (ALENCAR e OTA, 2011).

Os músicos estão entre um dos principais grupos que sofrem com o adoecimento ocupacional (PETRUS e ECHTERNACHT, 2004). Isso se deve pelas altas exigências que o instrumento de trabalho impõe ao corpo do musicista durante sua atividade laboral. Dentre essas exigências estão relacionadas: o transporte e o posicionamento inapropriado do instrumento de uso, o início adiantado da atividade e o acúmulo de funções específicas de grande responsabilidade dentro do seu ambiente de trabalho (OLIVEIRA e VEZZA, 2010). No entanto, poucos são os profissionais especializados nos aspectos referentes à saúde dos músicos (BARATA, 2002).

No estudo de Teixeira *et al.* (2014), foi realizada uma pesquisa com o ambiente e as condições de trabalho dos músicos de uma Orquestra Sinfônica da Região Sul do país. Os pesquisadores identificaram que as atividades dos músicos podem proporcionar um alto risco de adoecimento ocupacional, já que tais profissionais estão frequentemente expostos a um alto número de movimentos repetitivos, várias horas de estudo e ensaio, dentre outros fatores.

Oliveira e Vezza (2010) estudaram os músicos da Orquestra Sinfônica do ABCD paulista, e verificaram que 93% dessa população se queixavam de desconfortos e dores frequentes decorrentes de sua prática profissional – queixas estas que são em sua maioria relacionadas ao sistema musculoesquelético.

No estudo de Lima e Simonelli (2014), evidenciaram desvios relacionados à biomecânica ocupacional; níveis consideráveis de posturas inadequadas, sobrecarga no sistema motor no momento de tocar e quantidade insuficiente de descanso no posto de trabalho dos músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná. Segundo as autoras esses fatos podem interferir diretamente no processo saúde – adoecimento dessa população. Descreveram ainda sobre a necessidade de mais investigações sobre as dimensões psíquicas, físicas e sobre os fatores de risco a saúde desses profissionais.

De acordo com o estudo de Pereira (2010), que investigou sobre qualidade do sono de músicos de orquestra, verificou-se uma frequência de 71,40% de baixa qualidade de sono, que se relaciona com os baixos índices de capacidade para realizar as atividades do dia a dia de trabalho, além de desencadear desconforto e problema na qualidade de vida dos músicos.

Em estudo realizado por Moraes e Antunes (2012), os músicos apresentaram uma alta demanda física e psicológica, portanto, um alto risco de desenvolverem problemas de saúde. Por outro lado, existem as inadequações do ambiente de trabalho, muitas vezes com condições de trabalho que não favorecem a saúde dos músicos.

Portanto, dentro dessa perspectiva, levantaram-se questionamentos sobre a necessidade de se estudar sobre essa população específica, considerando a importância da aplicação das ações ergonômicas, visando por melhores condições de trabalho desses profissionais.

As ações ergonômicas advêm de uma ciência chamada Ergonomia, que segundo Abrahão (2009) trata-se de um campo de produção de conhecimento, onde a aplicação deste conteúdo é centrada em questionar e promover formas de melhorar um determinado ambiente de trabalho. De acordo com a Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO:

A Ergonomia (ou Fatores Humanos) é uma disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e à aplicação de teorias, princípios, dados e métodos a projetos a fim de otimizar o bem estar humano e o desempenho global do sistema. (Associação Brasileira de Ergonomia, 2014).

Foi no período da Segunda Guerra Mundial que a Ergonomia se estruturou de forma mais evidente. Esta ciência traz para o mundo, uma preocupação mais notória em relação às condições do ambiente de trabalho. Ela observa os comportamentos, os desempenhos, as relações, os aspectos físicos, cognitivos que os trabalhadores exercem durante sua atividade (WISNER, 1992).

Para uma boa análise ergonômica é necessário o entendimento sobre o que é o trabalho. Quando um trabalhador, independentemente de sua função, é questionado sobre o seu posto de trabalho, encontra-se em sua resposta o que é uma tarefa, ou seja, o trabalhador não descreve o seu trabalho e sim o resultado antecipado dentro das obrigações que lhe são determinadas. No entanto, a tarefa não é o trabalho. O trabalho é a união de três realidades: a atividade, as condições e o resultado da atividade. A análise ergonômica do trabalho é, portanto, a análise de todo o funcionamento desse sistema (GUÉRIN *et al.*, 2001).

Para compreender as dimensões dos problemas recorrentes neste ambiente, se faz necessário o conhecimento de um dos pilares da ergonomia: o trabalho prescrito que é constituído pelos fixos regulamentos teóricos de produção e o trabalho real que é aquele que acontece em situação efetiva e real no processo da atividade (FERREIRA e FREIRE, 2001).

A Ergonomia trata-se de uma disciplina que analisa o trabalho para transformá-lo. A abordagem ergonômica que é estabelecida neste trabalho se inscreve na Análise Ergonômica do trabalho – AET, que tem como característica básica a observação direta da atividade real do homem no trabalho, ou seja, as condutas dos trabalhadores em situações reais da atividade (GUÉRIN et al., 2001; WISNER, 1992; PIZO e MENEGON, 2010).

Para Lancman (2004), a relação entre o Terapeuta Ocupacional e a ergonomia de fato acontece, pois as duas áreas:

Estudam e analisam questões e contradições coletivas e individuais do mundo do trabalho, incluindo o processo de adoecimento pelo trabalho, a fim de formular outras proposições, viabilizando a aplicação técnica de vários conhecimentos, bem como propondo soluções coerentes com as exigências da saúde dos trabalhadores (LANCMAN, 2004 p. 20).

O estudo realizado por Carvalho (2014) com 28 instrumentistas voluntários da Universidade de Brasília - UnB do departamento de música, demonstrou que 67,86% dos músicos pesquisados apresentaram dor em membros superiores e 85,7% apresentaram algum problema osteomuscular nos últimos 12 meses ou 7 dias antecedentes da pesquisa. Segundo a autora as regiões com maior frequência de dor são as partes inferior e superior das costas. O estudo realizado com esses instrumentistas, não possibilitou evidenciar as causas para as ocorrências frequentes de problemas de saúde dos músicos.

Embora os estudos realizados com músicos instrumentistas, seja uma temática de impacto social, poucos são os estudos que retratem a realidade da rotina dos músicos e que apontem estratégias básicas para melhorar as condições de trabalho dessa população. Dos estudos encontrados, todos relataram que os músicos instrumentistas sofrem devido às dores - dentre outras sintomatologias - desencadeadas por conta de sua atividade de trabalho, porém, poucos foram os que evidenciaram as sobrecargas que desencadeiam estes sintomas e que evidenciaram recomendações que colaborassem com um ambiente de trabalho mais saudável.

Portanto, entende-se a necessidade da realização de mais estudos com a aplicação do método de ergonomia nos quais estabeleçam recomendações e que ajudem a promover melhores condições de trabalho entre os profissionais e estudantes de música.

2. JUSTIFICATIVA

O interesse por essa área iniciou-se pelo contato inicial da pesquisadora com a temática ‘Saúde, Trabalho e Ergonomia’ em uma disciplina optativa denominada Tópicos Especiais em Saúde Coletiva 1, que possibilitou um maior conhecimento sobre a Ergonomia e seu potencial de intervenção na saúde dos trabalhadores, além disso permitiu a identificação de ações da terapia ocupacional nessas áreas.

Constatou-se a existência de uma demanda reprimida no Hospital Universitário de Brasília – HUB, no serviço de terapia ocupacional/programa de reumatologia¹ de estudantes e profissionais músicos adoecidos por sua atividade de trabalho ou de estudo, relacionada ao curso de música da Universidade de Brasília.

Somado a isso, o estudo de Carvalho (2014) possibilitou uma investigação epidemiológica sobre essa demanda expressiva relacionada ao adoecimento dessa população, visto que não foram identificadas nesta pesquisa as causas da problemática de saúde dos músicos. Assim, compreender as diferentes dimensões envolvidas no fazer musical, as condições, os constrangimentos, as prescrições, os determinantes presentes nas situações da prática de tocar os instrumentos, possibilitaria o entendimento das reais causas sobre as disfunções ocupacionais em músicos.

Nesse sentido a pergunta que se pretende responder é: *“Quais são os fatores de risco e cargas de trabalho que os instrumentistas da Orquestra de Cordas da UnB estão expostos?”*.

¹ O atendimento dessa demanda faz parte do projeto de pesquisa “Terapia Ocupacional na Atenção de Alta Complexidade: Humanização, Qualidade de Vida e Ocupação Humana no Hospital”.

3. OBJETIVOS:

3.1 Objetivos Gerais:

- Realizar a análise da atividade real dos estudantes instrumentistas da Orquestra de Cordas da UnB de acordo com o método de análise ergonômica do trabalho.

3.2 Objetivos específicos:

- Identificar os fatores de risco relacionados as cargas físicas, cognitivas e psíquicas presentes na atividade dos estudantes Violistas.
- Apontar recomendações referentes às condições de trabalho visando à saúde dos estudantes instrumentistas.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Participantes

A amostra foi caracterizada por seis (n=6) estudantes Violistas do curso de música da Universidade de Brasília – UnB que possuem vínculo com a Orquestra de Cordas, composta por um quinteto de cordas, a qual se constitui por uma prática de conjunto e está dividida por naipes, cujo é o agrupamento de instrumentos musicais específicos: Violinos 1 e 2, Viola, Contrabaixo e Violoncelo (**Figura1**). Foram incluídos somente estudantes instrumentistas de graduação do curso de música da disciplina de “Viola”, relacionados à demanda inicial da responsável pela Orquestra de Cordas vinculada às queixas de dores musculares dos estudantes instrumentistas de Viola. Os estudantes instrumentistas analisados foram divididos em Violista 1, Violista 2, Violista 3, Violista 4, Violista 5, Violista 6, para melhor representação dos dados.



Figura1. Instrumentos de Cordas. Fonte: <http://musicaplena.com/tenha-proposito-para-aprender/>.

4.2 Procedimentos éticos

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa “*Terapia Ocupacional na Atenção de Alta Complexidade: Humanização, Qualidade de Vida e Ocupação Humana no Hospital*”. É uma parceria com o curso de música da UnB e a Orquestra de Cordas. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB), sob o parecer número CAAE: 17097913.8.0000.0030. (Anexo A).

Foram respeitados todos os preceitos éticos em pesquisa sobre o esclarecimento da participação voluntária, a desistência em qualquer etapa da pesquisa, os riscos e desconfortos, os benefícios e as indenizações caso ocorra algum dano direto ou indireto decorrente dos procedimentos da pesquisa e acesso aos resultados. A participação dos Violistas se deu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

4.3 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Godoy (1995), neste método a condução de trabalho do pesquisador, deve-se partir de um plano com hipóteses claramente especificadas e com variáveis operacionalmente precisas e bem definidas. Uma pesquisa desse feitio, não busca enumerar e/ou medir os dados coletados, bem como, também não tem como foco a aplicação de instrumentos estatísticos. Suas características básicas de pesquisa são: (a) O contato direto do pesquisador com o ambiente natural - como um instrumento fundamental para coleta dos dados. (b) Trata-se de um estudo descritivo. (c) A compreensão dos fenômenos estudados é estabelecida essencialmente pela perspectiva dos participantes. (d) Para a análise dos dados, os pesquisadores utilizam-se do enfoque indutivo.

4.4 Procedimentos de avaliação

Diante desta abordagem qualitativa, foi utilizado como estratégia o método Análise Ergonômica do Trabalho – AET (GUÉRIN *et al.*, 2001) que teve como foco central a investigação da atividade real dos estudantes instrumentistas e a compreensão de suas atividades. As etapas do método AET, de acordo com Guérin *et al.* (2001, p.17) são: (a) análise da demanda, orientada por uma demanda social, ou seja, queixa, problema, acidente; (b) análise da tarefa, as prescrições e as orientações vinculados ao que condicionam a execução de cada etapa do treinamento nas atividades musicais, bem como o funcionamento da organização da Orquestra; (c) análise da atividade, o que os estudantes instrumentistas fazem nas aulas de Viola, como executam os movimentos e por quê. Nesta etapa encontram-se as observações da atividade de tocar a Viola e as verbalizações dos estudantes; (d) pré-diagnóstico e validação, elabora-se um relatório com as análises e faz-se a autoconfrontação junto aos estudantes para a validação e; (e) diagnóstico e recomendações finais, onde são elencadas as orientações finais para as melhorias das condições de trabalho.

Quando nos referimos a AET, lidamos com uma abordagem que, segundo Abrahão (2009), trata-se de uma metodologia diferente dos outros métodos científicos tradicionais, suas hipóteses não são previamente elaboradas e exemplificadas, são, no entanto, “construídas, validadas e/ou refutadas ao longo do processo” (ABRAHÃO, 2009, p.180).

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturada do contexto real dos estudantes instrumentistas - na qual de acordo com Martins e Bógus (2004, p. 50) parte de “certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado”; filmagens e fotos das aulas da disciplina de Viola, que podem ser tanto individual quanto em grupo. Por estarem nesta disciplina os estudantes instrumentistas também são chamados de Violistas.

Os Violistas foram analisados no mês de maio, durante 4 encontros, através de observações sistemáticas em atividade prática ao tocar o instrumento, tanto individualmente quanto em grupo. No total foram 4 horas de observações e 1 hora de filmagem da situação real de trabalho, com fotografias em diferentes planos (frontal, lateral, superior). As verbalizações foram gravadas e transcritas posteriormente. Todos os dados coletados foram incorporados no diagnóstico para a validação dos resultados e para a elaboração de recomendações referente à atividade musical dos Violistas.

Sabendo que atividade de trabalho não consiste somente em gestos que são notáveis, mas também em raciocínios e planejamentos de ações (GUÉRIN, 2001); compreende-se que a apreensão das verbalizações nas entrevistas é de suma importância para a compreensão do desenvolvido da atividade no contexto estudado.

4.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi pautada na análise do discurso (AD) dos estudantes instrumentistas, que segundo Pioversan (2006) – é o processo que possibilita a captação do sentido não explícito e revela os determinantes ideológicos no discurso, destacando a identificação da subjetividade, da argumentação, da construção da realidade descrita de maneira verbal ou escrita, pelo sujeito em questão.

A análise do discurso busca os efeitos produzidos pelo discurso, trabalhando com o sentindo e não com o conteúdo daquilo que é dito ou escrito pelo sujeito de análise, ou seja, uma frase com o seu conteúdo pode ser dita de várias formas, por diversos sujeitos e com sentidos distintos. Nesta forma a linguagem não é transparente e sim opaca, constituindo-se por três fatores: Pela ideologia que é entendida como o sistema de ideias sujeito a

representações; pela linguagem sendo a materialidade do texto, da fala ou da representação corporal e pelo contexto social que é entendido como o processo que representa o contexto sócio histórico do sujeito (CAREGNATO R. C. A. e MUTTI R, 2006).

Na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes (CAREGNATO R. C. A. e MUTTI R, 2006. pg 681)

No processo da Análise do discurso o objetivo central é o de interrogar os sentidos descritos no discurso usando a materialidade da linguagem que são capazes de serem interpretadas, com o intuito de fazer uma nova interpretação ou re-leitura do discurso (CAREGNATO R. C. A. e MUTTI R, 2006).

A verbalização que é a troca de informação entre trabalhador e analisador, também foi utilizada para auxiliar na análise dos dados desta pesquisa. As verbalizações podem ocorrer de forma interruptiva – durante a realização da atividade, ou de forma consecutiva – após a atividade, com objetivo de apontar as razões, os meios e os fins das ações e dos movimentos realizados no momento do trabalho real, podendo ainda ocorrer de maneira espontânea ou instigada pelo responsável da análise (LIMA; REZENDE; VASCONCELOS, 2009).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 O Processo de Estudo dos Violistas

Esta pesquisa contou com a participação de seis (n=6) estudantes Violistas, sendo três (n=3, 50%) do gênero masculino e a três do gênero feminino (n=3, 50%), com a variação da faixa etária de 20 a 28 anos, do curso de Música da Universidade de Brasília – UnB, vinculados com a Orquestra de Cordas.

O processo de formação do Violista exige estudos constantes e intensos para o aprimoramento da técnica e da prática instrumental. O foco da análise constituiu-se nos estudantes das disciplinas: Viola1, Viola 4 e Viola 6. De acordo com os dados da ementa curricular observa-se que nos programas de ensino os requisitos de aprendizagem do estudante instrumentista variam conforme a exigência técnica de cada disciplina.

A demanda, deste estudo, foi orientada a partir dos dados da pesquisa de Carvalho (2014) que apontaram para a prevalência de sintomas osteomusculares entre estudantes do curso de música da Universidade de Brasília e a partir da análise documental relacionada às informações dos estudantes e o diálogo realizado com a coordenadora da Orquestra de Cordas. Esta demanda reafirmou a importância de analisar a atividade de trabalho dos Violistas.

Para Alves (2012) a escolha de alunos do curso de música, e não profissionais de orquestra, se dá ao fato de os mesmos apresentarem precocemente sintomas de adoecimento, daí a possibilidade de estudos levantarem a importância de um olhar mais atento nesta direção. A análise da atividade no estágio inicial do aprendizado do instrumento pode auxiliar os professores e alunos a observarem cuidadosamente todos os aspectos relacionados aos movimentos corporais durante a performance.

5.2 Os Ensaios e Treinamentos dos Violistas

Para o ouvinte, a harmonia trazida pela música é uma fonte de relaxamento, lazer e diversão. No entanto, o público raramente relaciona essa arte como uma fonte de risco a saúde (COSTA, 2003).

O estudo musical dentro do processo de formação no curso de Música exige muitas horas de treinamento e ensaios para o aprimoramento da técnica, impactando diretamente no desempenho do estudante de Viola. A dedicação total ao instrumento é fundamental para um

bom desempenho destes estudantes (SANTOS, 2012). As atividades rotineiras envolvidas nesse processo, por sua vez, podem levar ao comprometimento na saúde e na qualidade de vida dos músicos de corda. (MOURA; FONTES; FUKUJIMA, 2000).

Fazem parte do aprendizado técnico dos estudantes Violistas alguns conhecimentos básicos: notas musicais, escalas, escalas cromáticas, acordes, leitura de partitura, arpejos, golpes de arco. O **Quadro 1** apresenta estes conhecimentos básicos exigidos ao estudante.

Quadro 1. Dicionário de Termos e expressões musicais.

Exigência	Conceito
Notas musicais	Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, La, Si.
Escala cromática	Escala construída por tons diatônicos e semitons. Ex: dó-dó – sustenido.
Escala	Genericamente, qualquer sequência de notas organizadas ascendente ou descendente por tons, semitons ou mesmo microtons.
Acorde	Qualquer combinação simultânea de notas. O uso dos acordes é a base fundamental da harmonia.
Leitura da partitura	Compreensão e leitura das notas musicais e cifras
Arpejos	Execução sucessiva das notas de um acorde, da nota mais grave para uma mais aguda, podendo também suceder o inverso.
Golpes de arco	Entre os instrumentos de corda da orquestra, constituem o repertório de maneira de se articular uma nota ou grupo de notas por meio de gestos específicos, possíveis de identificação e denominação. Ex: Spiccato, martele off string, soltollato e gettato.

Fonte: Dourado (2004).

O processo de aprovação dos estudantes está fundamentado nas exigências do professor relacionadas à prática instrumental que são divididas nas seguintes etapas: (a) Tocar a escala de Sol maior ou Dó maior em três oitavas, com os golpes de arco; arpejos, arpejos com sétima e arpejo diminuto, terças e escala cromática (FLESCH), velocidade mínima I=80-da parte da escala em cordas duplas deverá tocar as terças e oitavas. (b) Executar o estudo NO.16 e exercícios do método Kayser.(c) Executar exercícios NO.1 do método Schradieck em sua totalidade com todos os golpes de arco. (d) Tocar a peça prelúdio e allegro de Pugnani-Kreisler. (e) Tocar peça de livre escolha. (f) O aluno deverá assinar a presença em cada aula. (g) É obrigatória também a presença na aula em grupo/coletiva. (h) Deverá tocar nas duas apresentações de classe. (i) Deverá realizar duas gravações preparatórias para as apresentações.

A apresentação dos estudantes na Orquestra de Cordas torna-se parte integrante das práticas e treinamento dos Violistas. Organizada desde 2002 ela ocorre de maneira habitual no auditório do Departamento de Música da UnB com frequência de uma a três vezes a cada semestre.

A Orquestra está sob a coordenação de uma professora de Viola do Departamento de Música, que organiza as matérias, os repertórios, os naipes os ensaios e tudo o que compete à apresentação. Ela é composta por um quinteto de cordas dividido em agrupamentos musicais, que consiste no conjunto de instrumentistas com seus respectivos instrumentos: Violinos 1 e 2, com seis estudantes; Viola com cinco estudantes e Contrabaixo e Violoncelo com dois estudantes cada. A composição da Orquestra varia de acordo com a quantidade de estudante de cada semestre, vinculados a essa prática.

Os ensaios referentes à Orquestra ocorrem duas semanas antes da apresentação. Na primeira semana os estudantes se reúnem com os professores e estudam de 2 a 3 horas em três dias intercalados. Na segunda semana, se reúnem todos os dias estudando 2 horas no dia. No dia da apresentação a liderança não é representada por um maestro e sim pelos ciclos dos estudantes representados pelos naipes em uma comunicação não verbal; exigindo disciplina, atenção, interação e outros fatores que expõem os estudantes a um alto nível de ensino-aprendizagem.

5.3 Os Gestos que se Traduzem em Sons

O posto de trabalho dos músicos de corda se resume na constituição de: Cadeiras, estante para apoiar as partituras, lugar de suporte para guardar e transportar o instrumento, salas de estudo e palco para as apresentações. A ausência de algum destes itens colabora de forma significativa para a inadequação do ambiente de trabalho, trazendo como consequência, esforços extras, gerando assim desgastes físicos; dificultando a prática laboral do músico (COSTA, 2005).

O aprendizado da técnica musical de Viola tanto realizado de forma coletiva quanto individual ocorre na sala do professor responsável pelas disciplinas de Viola. A sala tem 12m² em acabamento de tijolo a vista, com exceção da parede da janela basculante que é com reboco liso. Contém dois armários de arquivo, um armário metálico de duas portas, duas mesas de madeira pequenas que se localizam nos cantos da sala, cadeiras dobráveis acolchoadas, cobertura do teto com espuma acústica para isolamento sonoro e quatro

lâmpadas fluorescente tubular de 1,20m, ventilador médio ao chão utilizado como acessório para o controle térmico e um espelho de parede de aproximadamente 1,00 x 1,20m (**Figuras 2a e 2b**). As apresentações de classe e da Orquestra ocorrem normalmente no auditório do departamento de música da UnB.

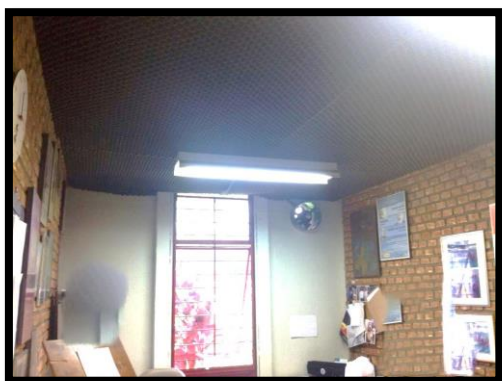


Figura 2a: Foto da sala onde ocorrem as aulas individuais e coletivas.



Figura 2b: Foto de alguns objetos presentes na sala.

O isolamento sonoro e o controle térmico não eram realizados de maneira que deixasse o ambiente com boas condições de trabalho, enquanto o Violista praticava, ele se deparava com sons de outros instrumentos da sala ao lado e a janela e o ventilador não conseguiam dar o suporte necessário para a manutenção de um clima agradável na sala. Outro aspecto relevante foi o tamanho do espelho. Faz-se necessário um espelho maior, para que o estudante consiga ter uma melhor visualização do corpo no momento da execução do som e consequentemente um melhor condicionamento postural e consciência corporal. Devido a esses aspectos, o ambiente foi considerado, um espaço de trabalho inadequado, pois, mesmo ele apresentando os elementos básicos constituintes para a prática musical, ele proporcionava situações desagradáveis que acabava por atrapalhar a rotina de trabalho dos violistas e da professora de viola.

Fragelli e Guthrie (2009) assinalam que um ambiente inadequado dificulta a prática musical, pois, esta característica está relacionada com a exposição dos instrumentistas a estresses físicos e psicossociais. Abrahão (2009) complementa que: o espaço físico de trabalho deve ser alterado sempre que se mostrar inadequado.

O Violista tem aproximadamente uma hora de treinamento individual junto com o professor para o aprendizado do domínio da técnica-instrumental e mais uma hora de aula coletiva com enfoque tanto no treinamento da técnica-instrumental quanto da interpretativa musical que sujeita os Violistas a experiências de apresentação.

A rotina da prática musical individual do Violista em sala de aula envolve a própria organização do seu espaço de trabalho. Quando chega, o estudante prepara o local, posiciona a partitura e o metrômetro - que consiste em um aparelho que controla o ritmo no andamento musical - na estante de partituras, retira o instrumento da capa e posiciona-se em pé de modo a manter uma boa postura, faz-se uso do espelho para a manutenção deste condicionamento.

Durante a observação da atividade individual dos Violistas com relação à dimensão física, destacam-se a sustentação estática de ombros, coluna cervical, coluna torácica e movimentos repetitivos de membro superior durante a prática da técnica de escala com golpes de arco, em vários tempos de acordo com o metrômetro.

Para Assunção e Vilela (2009) atividades de trabalho que exigem dos trabalhadores altos níveis de produção e perfeição, podem gerar doenças ocupacionais relacionadas a essas condições de trabalho como, por exemplo, as Lesões por Esforços Repetitivos (LER). Segundo Takahashi *et al.* (2010) são:

Doenças ocupacionais socialmente produzidas pelos determinantes organizacionais do trabalho e da produção, associadas a fatores de riscos biomecânicos (esforço físico, posturas constrangidas e estáticas, gestos acelerados e repetitividade de movimentos) e psicossociais (intensidade do trabalho, pressão por metas de produção e fadiga cognitiva) (TAKAHASHI *et al.*, 2010, p.102).

As LER são, portanto, um conjunto de doenças que ocasionam inflamações, traumas e/ou outros fatores em várias estruturas do corpo como nos músculos, tendões, nervos e vasos tanto de membro superior, quanto de membro inferior (CHIAVEGATO FILHO L. G. e PEREIRA J.R., 2004). Barata (2002) destaca que os músicos de corda são os mais afetados por essas doenças ocupacionais. A vulnerabilidade é gerada devido à decorrência desses microtraumas que vão se somando, pelos vários movimentos repetitivos, ligeiros e rigorosos durante amplas horas de prática.

No momento da realização da peça que consiste em tocar escalas com golpes de arcos e arpejos dentre outras técnicas, observou-se a existência de sobrecarga física nos membros superiores, caracterizada pela manutenção de postura, sustentação do instrumento e movimentos constantes durante os exercícios com o arco; tensão mandibular, no músculo da

região do pescoço contralateral ao instrumento e pressão na clavícula (**Figuras 3a e 3b**). Destaca-se que a velocidade e pressão que são colocadas no braço da corda dependem do repertório e da escala que é tocada.



Figura 3a



Figura 3b

Figuras 3a e 3b: Posicionamento postural e dos movimentos de membro superior do Violista.

Os seis estudantes analisados citaram a dor e a tensão muscular como a sintomatologia mais decorrente devido à prática musical. Em relação à região anatômica acometida por esses desconfortos, foram citadas mais de uma região, sendo que os ombros, a coluna cervical e a coluna lombar, são as mais acometidas.

Olha! Eu sinto dor em várias partes do corpo. Mas assim a parte que é mais tensionada em mim é o pescoço, dói muito. As costas doem demais também, hoje, por exemplo, estou com fita terapêutica pra aguentar. O braço de apoio do instrumento dói também. (VIOLISTA 2).

Segundo a literatura os desconfortos mais decorrentes nesta prática são os problemas musculares em membro superior, os autores concordam que os membros superiores são os mais acometidos especialmente as regiões anatômicas: ombros, pescoço e coluna cervical (CARVALHO, 2014; ANDRADE e FONSECA, 2000; TRELLA, 2004; FRAGELI; CARVALHO; PINHO, 2008).

Costa (2003) relata que as dimensões e o peso do instrumento, também são relevantes propagadores de quadro algico e vulnerabilidade física, quando alinhados com as inúmeras horas de prática.

O ruim da viola é esse, porque ela é muito grande e pesada. Às vezes ela pode nem ser tão pesada, mais é maior, o que acaba forçando mais o braço e a mão na hora de tocar. . Mas hoje graças a Deus eu sinto bem menos dor, do que quando eu tinha uma viola mais pesada e maior – uma viola 44, isso daí foi um fator determinante que nossa, mudou muito minha vida, assim totalmente, de não senti mais dor. Minha no ombro era horrível (VIOLISTA 6).

Outro fator que soma na associação de disfunções físicas é o transporte da Viola. Para a locomoção é necessário além do instrumento o estojo de proteção, que sem os acessórios de estudo pesa em média 6kgf, podendo, portanto, agredir a integridade corporal implicando em futuras disfunções musculoesqueléticas (TEIXEIRA, 2009).

É um trabalho bem delicado encontrar um instrumento que sirva pra você, que seja bom pra questão dos estudos, que seja mais leve, que seja bom pra carregar enfim, em tudo. Graças ao Tche, que é uma pessoa que faz instrumentos, hoje eu tenho um instrumento que é bem melhor do que eu tinha antes, o que me ajuda muito hoje em dia em relação às dores (VIOLISTA 3).

Segundo a professora de viola às orientações dadas nas aulas individuais e coletivas, estão relacionadas no processo das práticas preventivas que poderão ajudar os Violistas no seu desempenho musical. A posição adequada e o controle do peso da Viola, a altura do arco, tornam-se essenciais para o bom desenvolvimento da técnica e do fazer musical. Faz-se necessário o bom posicionamento do estudante quanto à postura de ombros, punho, coluna cervical e coluna lombar. **(Figura 4).**



Figura 4. Orientação do professor quanto ao posicionamento do estudante.

As horas de estudos individuais extras intensificam a prática musical. Esse treinamento com o instrumento vai além da grade curricular. Os violistas estudam em média de 3h a 4h por dia, tempo este que varia para mais ou para menos dependendo do tempo livre disponível e técnica exigida.

Esse semestre eu to tentando manter umas 3 horas de estudo por dia. Mas assim... Isso é considerado pelos músicos, pelos grandes músicos... O mínimo. Menos que isso já não é algo muito bom. A maior parte dos musicistas que eu conheço estuda cerca de 5h a 6h por dia. Aqui na faculdade, dificilmente você vai encontrar esse número, porque a gente não tem tempo, é muita coisa pra fazer. Mas a maior parte tenta estudar umas 3h a 4h por dia pra manter sempre o ritmo (VIOLISTA 3).

No treinamento diário do estudante instrumentista, é perceptível a cobrança de altos padrões técnicos que exigem perfeição e movimentos precisos. Esforços físicos e mentais dependem do tipo do instrumento, do tempo do estudo ou da prática, da complexidade da obra tocada, das condições psíquicas e da resistência muscular individual de cada instrumentista durante a execução da técnica musical. As condições físicas decorrentes das experiências vivenciadas pelos instrumentistas de corda são semelhantes ao condicionamento e treino de atletas, explicando, portanto, o sofrimento físico e a frequente presença de dor em instrumentistas de corda (ANDRADE e FONSECA, 2000).

Olha tocar é um processo bem doloroso. Tocar é igual treino de atleta, eu diria. Se estiver dolorido é porque você está indo pelo caminho certo. E outra, se você para dois ou três dias, quando você volta, você já percebe que piorou. Então tudo é difícil, a prática a técnica... Por isso temos que praticar muito (VIOLISTA 2).

Essa ideia de treinamento constante e intenso pela busca da perfeição, apesar de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do músico, pode conduzi-los a um ambiente de pressão e de sessões exaustivas de prática que levam os instrumentistas a exposição de risco a saúde física e psíquica. Depreende-se que os custos cognitivo e psíquico na atividade são incrementados, refletindo-se na possibilidade de maior tensionamento muscular, ocorrência de dores e desconfortos e alterações do controle emocional (COSTA, 2003).

Antes minha tensão ia pras costas, e aí eu tinha que entrar no torcilax. Hoje eu já consigo administrar melhor, se você estuda você se sente mais

preparado, é prática. Mas assim... Em situação simples como o de tocar na aula, com meus colegas, não é nenhum concerto nem nada importante, mas você já fica um pouco nervoso, daí durante esse tipo de treinamento que eu vou treinando como devo fazer. O frio na barriga eu tento mandar para o joelho. Vou calculando, me concentro e vou tentando ficar mais relaxado (VIOLISTA 6).

A aula coletiva é realizada no mesmo ambiente da aula individual, neste momento a professora responsável pela disciplina orienta e ensina alguns pontos técnicos referentes às relações interpessoais de trabalho, a prática instrumental e a prática de interpretação musical.

Os Violistas dividem a sala com os violinistas e a professora da disciplina expõe os alunos a experiências de apresentação. É solicitado ao estudante que se apresente aos seus colegas de turma. O estudante entra na sala, é aplaudido e começa a tocar a peça de livre escolha, ao final, descreve sua percepção de como foi seu desempenho, suas dificuldades e reflexões sobre o que deve melhorar na performance. Em seguida a professora faz as suas considerações referentes ao desempenho e aos pontos levantados pelo estudante.

Durante a observação da prática coletiva dos Violistas observou a presença de conflitos entre o que conseguiam realizar e o que era cobrado pela professora.

O difícil é a soma de tudo, né? A concentração, o estudo, a técnica, a compreensão da técnica, o movimento que tem que fazer. Acho que... O mais complicado é conseguir alinhar as coisas que eu estudo e colocar em prática na hora da apresentação. Às vezes... Na verdade não... Sempre fico nervoso, fico preocupado com outras coisas e aí tudo desanda (VIOLISTA 4).

Na aula coletiva o Violista é exposto às mesmas sobrecargas físicas, psíquicas e cognitivas da aula individual, ele precisa prestar atenção na postura corporal, conhecer o instrumento, compreender a técnica, controlar a sonoridade, a respiração, o nervosismo, a ansiedade e ainda interpretar a peça de livre escolha.

O difícil na hora de tocar em público ou sozinho é saber quais os movimentos que tenho que fazer e conseguir fazer. Porque um movimento que você faz diferente pode mudar tudo. Quando toco penso em mil coisas (risos). É muita coisa pra se pensar ao mesmo tempo... Tem que se pensar na música do papel, na sonoridade, na interpretação e nos movimentos. Se to fazendo o movimento certo pra poder tirar aquele determinado som. Então é muita coisa pra se pensar e fazer ao mesmo tempo. É Difícil! (VIOLISTA 4).

Ansiedade gerada pelo futuro incerto sobre remuneração e cargo profissional, também foram citados pelos violistas como fatores que implicam diretamente na prática musical. O que também corrobora com os relatos dos instrumentistas, encontrados por Fragelli e Gunther (2009), dos quais evidenciaram que fatores relacionados a essa questão prejudicam suas atividades de trabalho e aumentam a carga psíquica.

Diante disto percebeu-se que os violistas também podem estar sujeitos a desenvolverem doenças psíquicas, como, por exemplo, a síndrome de Burnout.

Burnout é uma doença que está relacionada ao estresse ocupacional, a manifestação dessa síndrome poder ser tanto física como psíquica ou até mesmo a combinação desses dois fatores. O trabalhador pode apresentar ansiedade, esgotamento emocional, perda de entusiasmo e de criatividade e ainda menos otimismo em relação ao futuro profissional. Em casos mais graves mostra-se autodepreciativo e arrependido da escolha profissional projetando seriamente em abandoná-la (CARLOTTO M. S, 2002).

Alcançar um objetivo, um emprego, se ingressar em um concurso específico da área da música é muito difícil. O instrumentista tem que viver da música, estudar o instrumento e tudo, né? Agora no nosso caso, aqui no Brasil que as condições não são favoráveis a isso, fica complicado. Aí a gente acaba que tem que trabalhar. Meus pais tem um mercado e aí eu tenho que trabalhar um período. Acordo cinco e meia e fico até meio dia, aí o tempo de descanso é menor né? É muito cansativo pelo fato de que eu tenho que trabalhar cuidar de família (VIOLISTA 6).

Depreende-se que exista uma correlação entre carga física e psíquica. Os custos cognitivo e psíquico na atividade refletem na possibilidade de maior tensionamento muscular e no surgimento de dores, e o esforço físico excessivo durante a atividade aumenta a sensação de dor, possibilitando um sofrimento psíquico. (COSTA, 2003; FRAGELLI e GUNTHER, 2009; FRANK e MÜHLEN, 2007).

5.4 Diagnóstico

Os dados confirmam a intensificação do trabalho dos músicos instrumentistas devido às intensas cargas físicas, emocionais, cognitivas analisadas na execução da prática musical. São fatores de adoecimento o condicionamento físico inadequado, horas prolongadas de estudo, movimentos e esforços repetitivos, hábitos errôneos na prática do instrumento e ambiente relativamente inapropriado.

A expectativa dos alunos e professores era o desenvolvimento de estratégias ergonômicas para o melhor desempenho de suas atividades e parceria com profissionais de saúde para proporcionar maior qualidade de vida tanto para o desempenho dos estudantes instrumentistas quanto para os professores do curso de música da Universidade de Brasília.

5.5 Recomendações

Ao final foram apresentados os resultados da pesquisa aos estudantes instrumentistas e a coordenadora responsável da Orquestra, algumas mudanças para proporcionar a minimização à exposição aos riscos ocupacionais, viabilizando a manutenção em saúde destes estudantes e professores de música da Universidade de Brasília. As recomendações para melhoria da saúde dos músicos foram:

- Participação ativa de profissionais de saúde de diversas áreas dentro do departamento de música proporcionando, por exemplo, realização de oficinas com orientações básicas em saúde física e mental no trabalho, atividade laboral dentre outras atividades.
- Constituição de palestras e atividades periódicas com a terapia ocupacional e outros profissionais sobre técnicas de relaxamento; automassagem; alongamentos; exercícios de fortalecimento para membro superior; trato da dor e consciência corporal com o objetivo de promover melhores condições de saúde no ambiente de trabalho e consequentemente auxiliar no melhor desempenho na atividade musical.

Referente às condições de trabalho percebeu-se:

- A necessidade da instalação de ar condicionado para controle térmico no interior da sala.
- Instalação de manta ou espuma acústica adequada não só no teto, como também nas paredes da sala para melhorar a acústica e isolamento sonoro.
- Instalação de espelhos maiores para que os estudantes possam trabalhar melhor a consciência corporal.
- Disponibilização de equipamentos de proteção individual - protetores auditivos de inserção específicos para músico – com o intuito de diminuir o som de maneira uniforme equilibrando a atenuação das ondas sonoras, evitando distorções e minimizando os riscos de perda auditiva pelo ruído. Além disso, inserir como medidas

preventivas exames periódicos de audiometria, de modo a atuar nos riscos de exposição e contribuir para a saúde dos estudantes instrumentistas.

- Melhoria do local das aulas individuais e coletivas ou mudança para um estúdio de música adequado em conformidade com as normas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que devido às intensas atividades exercidas em sua atividade de trabalho, os estudantes instrumentistas estão frequentemente expostos a sobrecargas físicas, cognitivas e psicossociais que podem desencadear doenças ocupacionais e impactar diretamente no desempenho e na qualidade de vida destes estudantes.

Diversos estudos apontam sobre a saúde dos músicos e sobre os fatores de risco que se referem à sobrecarga durante a prática do tocar discutidas nesta pesquisa como: as longas horas de estudo, o tamanho e o peso do instrumento, o nervosismo e estresse perante a uma apresentação ou a técnica-musical que deve ser incorporada, a ansiedade gerada pelo futuro incerto sobre o cargo profissional, o amparo ineficiente em saúde dos músicos e as constantes variações anatômicas juntamente com a necessidade de repetição de movimentos. O ambiente inapropriado é também, um fator de risco impactante no desempenho e na saúde dos Violistas.

Faz-se necessária à implementação de estratégias para a eliminação de ocorrências de agravos a saúde dos Violistas e de um suporte de diversos profissionais da saúde, dos quais é exigido pela demanda, um preparo maior na área da saúde dos músicos.

A elaboração de um projeto com profissionais e estudantes de Terapia Ocupacional da UnB em parceria com o Hospital Universitário de Brasília – HUB, com características de prevenção e promoção a saúde, auxiliaria no processo de eliminação de agravos a saúde destes estudantes instrumentistas.

Compreender a atividade real dos estudantes instrumentistas torna-se de suma importância, já que esta população está constantemente exposta a padrões físicos, cognitivos e organizacionais inadequados que podem interferir no desempenho ocupacional destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J. et al. **Introdução à Ergonomia:** da prática à teoria. São Paulo: Edgard Blucher LTDA, 2009.

ALENCAR M. C. B.; OTA N. H. **O afastamento do trabalho por LER/DORT: repercussões na saúde mental.** *Rev. Ter. Ocup. Univ.* São Paulo, v. 22, n. 1, p. 60-67, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14121> > Acesso em: 01 jun. 2015.

ALVES C. V. Padrões físicos inadequados na performance musical de estudantes de violino. **Per Musi.** Belo Horizonte, n.26, p.128-139. 2012. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/120091996/PADROES-FISICOS-INADEQUADOS-NA-PERFORMANCE-MUSICAL-DE-ESTUDANTES-DE-VIOLINO> > Acesso em: 30 maio 2015.

ANDRADE E. Q. de; FONSECA J. G. M. Artista – atleta: reflexão sobre a utilização do corpo na performance dos instrumentistas de corda. **Per Musi.** Belo Horizonte, p. 118 – 128. 2000. Disponível em: < http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/02/num02_cap_07.pdf > Acesso em: 15 jun. 2015.

ASSUNÇÃO Ada A.; VILELA L. V. O. **Lesões por esforços repetitivos:** guia para profissionais de saúde. Piracicaba: Cerest, 2009.

BARATA G. Doenças ocupacionais afetam saúde dos músicos. **Cienc. Cult.** [online], vol.54, n.1, pp. 13-13. ISSN 2317-6660, 2002. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000100009&script=sci_arttext > Acesso em: 10 abr. 2015.

BENNETT, R. **Uma breve história da música.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

BRASIL. Associação Brasileira de Ergonomia. **O que é Ergonomia.** Rio de Janeiro, 2014.

CAREGNATO C. A.; MUTTI R. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, Out-Dez; 15(4): 679-84, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a19.pdf>> Acesso em: 20 de jul 2015.

CARLOTTO M. S. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a03.pdf> > Acesso em: 19 de jul 2015.

CARVALHO. A. L. de A. **Sintomatologia osteomuscular e a funcionalidade dos músicos instrumentistas da UnB.** 2014. 14f. Trabalho de conclusão de Curso – Faculdade de Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CHIAVEGATO FILHO L. G.; PEREIRA A. J. R. LER/DORT: multifatorialidade etiológica e modelos explicativos. **Interface (Botucatu)**, vol.8, n.14, pp. 149-162. ISSN 1807-5762, 2004.

Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832004000100009&script=sci_arttext> Acesso em: 26 de jul 2015.

COSTA C. P. Contribuições da ergonomia à saúde do músico: considerações sobre a dimensão física do fazer musical. **Música Hodie**, [S.l.], v. 5, n. 2, nov, 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/2474/2428>> Acesso em: 18 Jun. 2015.

COSTA, C. P. **Quando tocar dói: análise ergonômica da atividade de Violistas de Orquestra**. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Departamento de Psicologia. Universidade Nacional de Brasília, Brasília. 2003.

DOURADO A. H. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: 34 LTDA, 2004.

FERREIRA M. C.; FREIRE O. N. Carga de Trabalho e Rotatividade na Função de Frentista. **RAC**, v. 5, n. 2, Maio/Ago. 175-200. 2001. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rac/v5n2/v5n2a09>> Acesso em: 05 jun. 2014.

FRAGELLI T. B. O.; GUNTHER I. A. Relação entre dor e antecedentes de adoecimento físico ocupacional: um estudo entre músicos instrumentistas. **Per musi**. Belo Horizonte, n.19, pp. 18-23, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992009000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 3 maio 2015.

FRANK A.; MUHLEN C. A. V. Queixas musculoesqueléticas em músicos: Prevalência e fatores de risco. **Rev Bras Reumatol**. Rio Grande do Sul, v. 47, n.3, p. 188-196, mai/jun. 2007. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbr/v47n3/08.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2014.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, V. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2014.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o Trabalho para Transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

LANCMAN, S. **Saúde, Trabalho e Terapia Ocupacional**. São Paulo: Roca LTDA, 2004.

LIMA F. P. A; RESENDE A. E.; VASCONCELOS R. C. Condicionantes sociais do projeto de instrumentos de trabalho: o caso de uma bancada de inspeção. **Produção**, v. 19, n. 3, set./dez. p. 529-544. 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/prod/v19n3/10.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2014.

LIMA J.; SIMONELLI, A. P. Análise ergonômica da atividade dos músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná: fatores de risco e cargas de trabalho. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**. São Carlos, v. 22, n. 1, p. 89-95. 2014. Disponível em:< <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.010>> Acesso em: 12 nov. 2014.

MARTINS M. C. F. N.; BÓGUS C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.3, p.44-57, set-dez. 2004. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2014.

MORAES, G. F. S.; ANTUNES A. P. Desordens musculoesqueléticas em violinistas e violistas profissionais: Revisão sistemática. **Acta Ortop Bras.**, Minas Gerais, 20(1): 43-7. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/aob>> Acesso em: 30 set. 2014.

MOURA R.C.R.; FONTES S.V.; FUKUJIMA M.M. – Doenças Ocupacionais em Músicos: uma Abordagem Fisioterapêutica. *Rev. Neurociências*. São Paulo, 8(3): 103-107. 2000. Disponível em:< <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2000/RN%2008%2003/Pages%20from%20RN%2008%2003-5.pdf>> Acesso em: 20 jun 2015.

OLIVEIRA C. F. C; VEZZA F. M. G. A saúde dos músicos: Dor na prática profissional de músicos de orquestra no ABCD paulista. **Rev. bras. Saúde Ocup.** São Paulo, 35 (121): 33-40. 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0303-76572010000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 12 nov. 2014.

PEREIRA E.F. et al. Percepção de qualidade do sono e da qualidade de vida de músicos de Orquestra. **Ver. Psiq. Clín.** Rio Grande do Sul, 37(2): 48-51. 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832010000200003&script=sci_arttext> Acesso em: 12 nov. 2014.

PETRUS, Â.M.F.; ECHTERNACHT, E.H.O. Dois violinistas e uma orquestra: diversidade operatória e desgaste músculo-esquelético. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo , v. 29, n. 109, Junho. 2004. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0303-76572004000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 24 nov. 2014.

PIOVESAN A. M. W. et al. A análise do discurso e questões sobre a linguagem. *Revista X*, vol. 2. ISSN: 1980-0614. 2006. Disponível em:< <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/revistax/article/view/5424/5222>> Acesso em: 12 maio 2015.

PIZO C. A; MANEGONB N. L. Análise ergonômica do trabalho e o reconhecimento científico do conhecimento gerado. **Produção**, v. 20, n. 4, out./dez. p. 657-668. 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/prod/v20n4/AOP_200902028.pdf> Acesso em: 18 jun. 2014.

SANTOS F. C. L dos. **Razão de chance de ocorrência de dor, variáveis posturais e disfunções em violinista na cidade de São Paulo**. São Paulo. 2012. Disponível em:< <file:///C:/Users/karol/Downloads/FabiolaCarvalhoLopesSantos.pdf>> Acesso em: 3 jun. 2015.

THAÍS. B. O. F.; CARVALHO G. A.; PINHO D. L. M. Lesões em músicos: quando a dor supera a arte. **Rev Neurocienc.** Brasília; 16/4: 303-309, 2008. Disponível em:< http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/10869/293/1/Les%C3%B5es_m%C3%BAsicos.pdf> Acesso em: 2 jun. 2015.

TAKAHASHI M. A. B. et al. Programa de reabilitação profissional para trabalhadores com incapacidades por LER/DORT: relato de experiência do Cerest–Piracicaba, SP. **Rev. bras. Saúde ocup.** São Paulo, 35 (121): 100-111, 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S030376572010000100011&pid=S0303-76572010000100011&pdf_path=rbso/v35n121/11.pdf&lang=pt> Acesso em: 30 abr. 2015.

TAME, D. **Poder Oculto da Música**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

TEIXEIRA C. S. et al. O equilíbrio de um músico com e sem o transporte do instrumento. **Fisioter. Mov.** Curitiba, v. 22, n. 1, p. 37-43, jan./mar. 2009.

TEIXEIRA C. S. et al. Percepção de ambiente e condições de trabalho de músicos de Orquestra. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar.** São Carlos, v. 22, n. 1, p. 39-48. 2014. Disponível em:< <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.005>> Acesso em: 12 nov. 2014.

TRELLA C. S. et al. Arte e Saúde: Frequência de Sintomas Músculo-Esqueléticos em Músicos da Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**. Londrina, v. 25, p. 65-72, jan./dez, 2004. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/3627>> Acesso em: 1 abr. 2015.

WISNER A. A antropotecnologia. **Estud. av.** São Paulo, vol.6 no.16 Sept./Dec, 1992. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141992000300003&script=sci_arttext> Acesso em: 16 jun. 2014.

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Terapia Ocupacional na Atenção de Alta Complexidade: Humanização, Qualidade de Vida e Ocupação Humana no Hospital

Pesquisador: Pedro Henrique Tavares Queiroz de Almeida

Área Temática:

Versão: 7

CAAE: 17097913.8.0000.0030

Instituição Proponente: Faculdade de Ceilândia - Curso de Terapia Ocupacional

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 845.114

Data da Relatoria: 21/10/2014

Apresentação do Projeto:

Apresentação / Sumário do Projeto

O projeto tem por objetivo avaliar a qualidade de vida, funcionalidade e desempenho ocupacional de pacientes pediátricos e adultos, que realizam tratamento em enfermarias e ambulatórios do Hospital Universitário de Brasília e que são acompanhados pela equipe de terapia ocupacional da instituição. Serão incluídos todos os pacientes que apresentarem limitações no desempenho de atividades cotidianas e sinais de ansiedade, depressão e demais queixas emocionais decorrentes do processo de hospitalização.

Os sujeitos participantes passarão por avaliação através de questionários padronizados para avaliar seu nível funcional, qualidade de vida e desempenho ocupacional. Os sujeitos passarão por atendimento e acompanhamento terapêutico ocupacional com objetivo de minimizar impactos decorrentes de sua hospitalização, incluindo ações de humanização por meio de ambiência e ampliação às vivências saudáveis, prescrição, utilização e treinamento em tecnologias assistiva e atividades terapêuticas, ajudando na percepção de habilidades e capacidades interrompidas ou perdidas com o processo de adoecimento, criando condições para que a hospitalização não interrompa gravemente a rotina de vida do paciente. A reavaliação dos sujeitos se dará com os mesmos instrumentos, em período de seis e doze semanas após o início da intervenção.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro	
Bairro: Asa Norte	CEP: 70.910-900
UF: DF	Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947	E-mail: cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 845.114

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa será avaliar a influência do atendimento de terapia ocupacional sobre a qualidade de vida, funcionalidade e desempenho ocupacional dos pacientes hospitalizados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica. Parecer de análise de pendência

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não se aplica. Parecer de análise de pendência

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados para este parecer:

"Carta de Encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa - Setembro.pdf", postado em 25/09/2014; "TCLE - RESPONSÁVEIS COM CABEÇALHO.docx", postado em 25/09/2014; "TCLE - CRIANÇAS - COM CABEÇALHO.docx", postado em 25/09/2014.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise de pendência de parecer consubstanciado do CEP No. 791.639:

1. O pesquisador apresenta "Termo de Assentimento anexado, doc" postado em 25/09/14. Este encontra-se adequado. PENDÊNCIA ATENDIDA

O projeto se encontra em conformidade com a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-1947

E-mail: cepfsunb@gmail.com



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 845.114

BRASILIA, 27 de Outubro de 2014

Assinado por: Marie Togashi (Coordenador)

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-1947

E-mail: cepfsunb@gmail.com